

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

NATUREZA E CARACTERÍSTICAS DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA: CONSEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.

1. — Observações preliminares.

Uma das tarefas do professor de Didática Especial é o exame da natureza própria de cada matéria de ensino, a análise de seu objeto e método de pesquisa, tendo em vista esclarecimentos a obter sobre sua função no currículo escolar e sobre a metodologia didática adequada.

E' claro que não se pode isolar, nas atividades docentes, a **matéria**, veículo de educação e cultura, do **aluno** que vai conhecê-la, e que varia quanto ao nível de desenvolvimento, interesse e aptidão, da **sociedade** em que está inserida a escola e de suas exigências especiais, bem como das **finalidades** gerais da educação aceitas pelo sistema de ensino. É, pois, razoável considerarmos as características das disciplinas mencionadas, já escolhendo aquelas que podem interessar ao aluno de nossos cursos secundários, dentro de sociedade democrática, inserida na área de cultura ocidental.

2. — A História, a Geografia e o Homem.

Tendo em comum procurar a compreensão do homem em suas múltiplas atividades, podem ser ditas ciências humanas, tanto a História quanto a Geografia. Esta, entretanto, aparece ainda como um traço de união entre ciências humanas e naturais, ao considerar as relações entre o homem e o meio físico (1).

Dispondo de grande riqueza em conteúdo humano, proporcionam a ampliação da experiência de vida do aluno, pelo conhecimento dos problemas com que se defronta o homem em todos os setores de sua existência.

Possibilitam a compreensão de indivíduos e grupos vivendo em várias épocas e lugares, bem como aumentam a significação das adaptações entre aquêles e o ambiente natural em

(1). — Cholley, *La géographie, guide de l'étudiant*. PUF. Paris, 1951. Diz Cholley, sobre a geografia: "Sa principale originalité est bien d'avoir introduit l'homme dans les sciences de la terre", pág. 79.

que vivem ou viveram. Ora, consideramos tais elementos como indispensáveis para a promoção de sentimentos de compreensão e tolerância entre homens e grupos sociais, dos mais amplos aos mais restritos, bem como para melhor integração entre êstes e o meio em que vivem, físico ou social.

Tratam ambas, História e Geografia, de uma reconstituição vitalizada da realidade, a partir da problemática real de pessoas e coletividades: o homem aqui não se apresenta alienado da vida, não é abstração em função de um ou alguns de seus aspectos. Sua identidade fundamental é descoberta a partir de seus diferentes problemas e soluções, a partir da variedade de suas formas de relação com o ambiente ou o grupo.

3. — História e Geografia, ciências de síntese.

Disciplinas consideradas enciclopédicas, invasoras, acolhem fatos que podem ser diversamente catalogados: biológicos, sociais, psicológicos, políticos, econômicos, artísticos, morais e religiosos, abrangendo ainda a geografia os domínios da física, química, zoologia e botânica.

Na vida escolar oferecem a oportunidade de reunir o que está separado nas demais disciplinas, de compreender a síntese que cada época e cada região representam. Integradoras, ramificam-se por vários campos, com os quais oferecem múltiplas correlações; dão coerência e vitalidade a estudos compartimentados; são traços de união entre a vida e a escola, a experiência e o saber. Na verdade é preciso esforço por parte do professor para que seja respeitada essa característica. Será garantida na medida da ampliação e diversidade de sua cultura, dos contactos com as demais cadeiras do curso, de sua atualização constante e interesse pelos problemas atuais.

São três as formas pelas quais se manifesta êste aspecto globalizador das disciplinas em questão: ultrapassando seus limites, a fim de considerar as demais, relacionando uma à outra e ainda respeitando sua coerência interna, continuamente unificando seus tópicos, que por necessidade didática são sucessivamente apresentados.

4. — História e Geografia, ciências do concreto.

A região das ciências humanas é voltada à concreticidade da existência. Realidade atual da geografia e também da história, pois, como diz Dardel,

“Le passé n'existe pas. Il n'a jamais existé. Lorsqu'il était, il était ce qui se passe maintenant” (2).

Não é a tradução da realidade em fórmulas ou relações numéricas que procura o historiador, mas a própria vida revelada em traços materiais ou espirituais que a conseguem restituir à nossa compreensão.

E se a geografia física e também a humana não se recusam a ver seus dados esvaziados de realidade pela redução a tipos, formas, relações abstratas, a noção sempre presente do complexo geográfico recoloca a primazia do real, do existente. Na verdade, os fatos geográficos são essencialmente complexos, representam combinações de fatores, que se manifestam na variedade de “domínios”, “meios”, “regiões”, “paisagens”, nitidamente individualizados do nosso planeta.

Desta característica decorre a urgência didática nessas disciplinas da ampliação do material de objetivação e concretização: ir ao encontro do fenômeno, da realidade, em excursões geográficas, ou buscar a própria fonte do conhecimento histórico, o documento, e dada a impossibilidade de cobrir por esse meio toda a matéria, recorrer constantemente ao amplo material representativo que a técnica moderna coloca ao nosso dispor: cinema, projeção, gravação, ilustração, cartografia, etc.

5. — História e Geografia, ciências que se afirmam.

Observa-se em toda a ciência uma fase precursora ou pioneira, de indeterminação e tateios, à qual se sucede lentamente a de afirmação e delimitação, trazendo fixação de objetivos e métodos.

Assim a geografia correspondeu inicialmente ao que está indicado no próprio vocábulo, à descrição da terra. Surgindo de necessidades práticas, ligadas à ocupação da terra, na paz ou na guerra, cristaliza-se em nomenclatura copiosa, esboços cartográficos que já desde Eratóstenes procuram apóio em pontos de referência geométricos e astronômicos e num sistema de medidas. Até o século XIX entretanto, os progressos no conhecimento do globo, o acréscimo na precisão das medidas e na representação da terra, não se acompanham de uma mudança de ponto de vista. Esta surge quando se afirmam os princípios de generalidade, causalidade, extensão e localiza-

(2). — Dardel (Eric), *L'histoire, science du concret*. Paris. P.U.F. 1946, pág. 9.

ção, que permitem coordenar e explicar, ao invés de limitar-se a descrever e representar.

E' curioso entretanto notar, que, como já disse Anísio Teixeira,

“a escola é a última trincheira a ser conquistada pelos avanços do pensamento humano”,

e a geografia escolar conserva do passado o vêzo enumerativo, a preocupação excessiva da nomenclatura, o vício da descrição sem explicação.

A geografia geral, diz Clozier (3)

“se esforça por perceber o que há de permanente, de regular, nos fatos terrestres, de aproximar êsses fatos, de esclarecê-los uns pelos outros de maneira a explicar suas condições”,

encarando cada fenômeno, não só em si mesmo, mas como parte de um todo. E' assim que vai à explicação, não se negando a procurá-la no recurso aos dados das demais ciências.

E' precipuamente o domínio dos princípios de causalidade e generalidade, enquanto que na geografia regional encontramos, ainda nas palavras de Clozier,

“um preservativo contra o espírito de sistema de geografia geral”.

Aqui cada região adquire sua fisionomia própria, e

“o espírito permanece face à realidade”,

considerando a solidariedade entre os fatores físicos e humanos em seus múltiplos aspectos.

Cumprido, pois, atender na escola ao espírito científico da disciplina dando sentido aos fatos pela investigação de suas condições, entrosando fatores, verificando suas semelhanças, localizando áreas de extensão, enfim, fazendo compreender a fim de bem aprender.

Quanto à História, é chegado o momento em que nos afastamos da mera narração de fatos, semi-reais, semi-lendários, suficientes para preencher as necessidades que sentiu o homem de outras épocas de conhecer sua situação no tempo. Épocas em que critérios extra-científicos regiam as explicações históricas, em que a crença cega em que a “história se repete”

(3). — Clozier (René), *Les étapes de la Géographie*. P.U.F. Paris, 1959, pág. 94.

dificultava o entendimento dos fatores novos de um processo evolutivo.

Afirmando-se como ciência de tipo específico, não redutível ao modelo das ciências naturais, mas igualmente exigente quanto a seus propósitos e métodos, desde o século passado vem sofrendo processo de afirmação e amadurecimento. Da História, “que deixa falar o fato”, perante o qual se apaga e afasta o historiador, subsistem os rigores do método crítico no tratamento da documentação. Entretanto, já se chega a afirmar que

“não tomar partido, ficar de fora, é efetivamente colocar-se fora da possibilidade de compreender e conhecer” (4).

Conhecer, em história exige, pois, um interesse profundo; a busca da verdade e da certeza, repelem a neutralidade indiferente, pedem entusiasmo e sensibilidade para que nela se procure mais que um mecanismo no qual se engrenam causas e efeitos entrelaçados em elos que formam rígidas cadeias. Esclareçamos o que se entende por interesse. A história atual, que é história da liberdade humana, da sua motivação complexa e rica, é uma história feita por homens livres, sem condicionamentos ideológicos que os fazem buscar na história aquilo que querem justificar. Foi um tipo de história condicionada a interesses subalternos que a levou a ser considerada como o “produto mais perigoso do espírito humano”. O interesse legítimo é o do homem que busca o passado movido por uma relação afetiva que lhe possibilita senti-lo, compreendê-lo, revivê-lo em função de seus projetos, desejos, aspirações.

Se o período da história meramente narrativa continua muitas vezes representado na escola por “estórias” enumerativas de acontecimentos nem sempre autenticados pela pesquisa, o da história “condicionada” por ideologias, também, infelizmente, ainda é encontrado.

A história causal, que representa no século passado a reatuação dos tipos anteriores, indicando um progresso com relação a eles, já consegue se manifestar na seriedade de propósitos com que é ensinada. A nova conquista situa-se em conseguir dar sentido à realidade intrincada da motivação humana criadora de história, a caracterizar as linhas de desenvolvimento, os complexos de fatos, sem esquecer a influência do fu-

(4). — Dardel, *op. cit.*, pág. 31.

turo (ou presente) sôbre o passado. Pois que é o homem do futuro (com relação ao fato histórico) que vem a recriar o passado, conforme seu gôsto e necessidade. Assim, é o atual que determina o que procuramos no passado, são os problemas presentes que nos atiram ao passado para esclarecê-los, retomá-los, iluminá-los.

Um dos exemplos da falta de atualização da história na vida escolar é o seguinte: enquanto que o moderno historiador investiga os fatos sociais, econômicos, artísticos, a história das ciências e das técnicas, isto é, considera a vida integral da humanidade, a escola muitas vêzes se apega a acontecimentos políticos, totalmente desvinculados de suas relações fundamentais com os demais fatos mencionados.

Cumpra, pois, tanto em história quanto em geografia, modernizar, ser fiel à ciência. Nunca falsificar, e a pretexto de facilitar, enganar. Adquirir o espírito histórico e geográfico da atualidade. Não esquecer ainda, que o interêsse histórico e geográfico tem sido uma constante do gênero humano, bem como, em suas formas incipientes uma constante no indivíduo. A criança, diz Nougier (5), é sempre um geógrafo em potencial. Realmente, desde que vem ao mundo passa a explorar o ambiente que em que vive. E, acrescentamos, realiza por sua própria conta pesquisas históricas, quando passa a investigar sôbre sua proveniência, a dos demais, a das coisas e instituições, interrogando os “testemunhos” do passado e manuseando os “documentos” a seu alcance.

5. — A Geografia e seu método.

Seria fácil inserir o método geográfico no domínio dos métodos científicos utilizados pelas ciências naturais, com os quais mantém indiscutível parentesco, não fôsse a situação peculiar que apresenta graças a dois fatores que lhe são próprios. São êstes, a presença do homem, considerado em sua interdependência do meio físico e a impossibilidade da experimentação, ou seja, da provocação intencional do fenômeno geográfico.

Das ciências naturais aproxima-se, desde que, abandonado a fase meramente descritiva, passa a classificar fenômenos, reunindo-os em tipos e sistemas: partindo de fatos, observando-os e comparando-os estabelece as analogias que per-

(5). — Nougier (L. R. et H.), *L'enfant géographe*, P.F.U.F. (Nouvelle Encyclopédie Pédagogique).

mitem generalizações. Acrescenta-se à generalização a exigência de explicação, a busca das relações constantes, que respondem à indagação causal, discernindo “como” se desencadeiam os dinamismos geográficos. Ao domínio da indução, corresponde o da dedução, sempre que a partir de princípios e generalizações de outras ciências, aplica-se à geografia tais premissas, a fim de esclarecer fenômenos desta. Hipóteses e teorias explicativas amplas a respeito de certos fenômenos aparecem, a fim de, como nos demais ramos do saber, iluminar certos conjuntos relacionados de fatos, submetidos, é forçoso, ao confronto da realidade, e por várias vezes exigindo incursões por disciplinas afins.

A impossibilidade da reprodução dos fenômenos em escala planetária nas condições de laboratórios, submete o geógrafo à acentuação do trabalho de campo, da pesquisa *in loco*, do aproveitamento das situações nas quais homem ou natureza provocam modificações na superfície da terra, sem, entretanto, intenção experimental.

Quanto à interferência do fator humano, central na geografia, seja explicitamente, na geografia humana, seja implícito, na geografia física, com a qual interfere constantemente, desde que a terra é sua morada e como tal continuamente por êle manipuladas, êsse fator, se por um lado é motivo de indeterminação e contingência, por outro é sua originalidade e valorização. Fator que introduz na ciência a liberdade e se rebela contra o determinismo natural.

A introdução do método próprio à ciência em sala de aula, constante da noção “escola-novista” de aprendizagem como redescoberta, leva o professor a afastar-se da caduca geografia memorística e superficial. Métodos ativos, utilizando a observação direta em excursões e a indireta sobre documentação representativa da realidade, possibilitam o desenvolvimento do raciocínio em moldes científicos. Coleta de dados, problemas, reprodução de fenômenos em escala reduzida, construção de modelos e outras atividades, auxiliam ao mesmo trabalho.

O fator humano, omnipresente, entretanto, é que assegura motivação fácil e eficiente, é o que lhe dá o valor de síntese entre dois mundos: humano e natural. Síntese que se evidencia sobretudo no estudo dos complexos regionais, sistemas integrados, formados de elementos interdependentes. Interessa sobretudo no ensino, a possibilidade privilegiada que oferece o estudo do próprio ambiente em que vive o aluno, passível de observação direta e integrado na vivência do aluno. E’ a opor-

tunidade de conduzir a observação pelos caminhos de uma análise que se realiza a fim de esclarecer o conjunto, que incide sobre todos os termos dessa equação de muitas incógnitas que representa o meio em que se vive.

6. — A História e seu método.

Se a Geografia generaliza e abstrai para melhor individualizar e caracterizar, a História, por sua própria natureza é avêssa ao geral e abstrato. Por muito tempo foi considerada uma fraqueza sua, a preocupação individualizadora. Hoje, verifica-se ser esta a característica que lhe dá fisionomia própria e irreduzibilidade, impedindo sua absorção nas demais ciências da sociedade, e integrando os fatos pelas demais dissociados. Plenamente científica no rigor da crítica que leva o historiador através do documento em busca do fato, usando raciocínio analítico aplicado ao vestígio do passado, a fim de indagar como veio a ocorrer o acontecimento, quem dêle participou, em que condições, onde, quando, e porque se deu. Vai de um fato resultante (o documento, o vestígio) aos que foram suas condições determinantes, num processo de pesquisa que busca esclarecer, conhecer, reconstituir o passado.

A irreversibilidade do tempo dá à História condição única: cada ser, objeto, época ou povo exige caracterização própria, demanda reconstituição emocionalizada, que entretanto não venha a ferir sua realidade própria. O trabalho histórico é de construção, ou melhor reconstrução sintética a partir do material resultante da análise.

Não haverá lugar, assim, para a generalização e a abstração na História? Rigorosamente falando, a História, ciência do individual, do irreversível, proíbe-se ir além de seu objetivo. Mas, de tal modo são variadas as suas ligações com as demais ciências humanas, que as invade ou por elas é invadida constantemente, vindo a considerar certos elementos em suas analogias, certos fatos quanto aos caracteres comuns que apresentam, certas instituições em suas constantes, etc. Nesse caso o historiador se torna sociólogo, economista, jurista, psicólogo, ou mesmo filósofo, tentando generalizar, traçar relações constantes e linhas de desenvolvimento.

Em classe, o raciocínio analítico ganha força quando aplicado ao próprio documento, ou sua reprodução, quando se trabalha de maneira semelhante à do historiador, inferindo o fato do seu traço material ou espiritual e procurando seus enlaces e relações. E, se o senso do real fôr robustecido por ma-

terial ilustrativo que impeça os desvios da imaginação, a reflexão poderá elevar-se à compreensão, com a devida firmeza.

O método comparativo, tomando como ponto de partida exemplos conhecidos, pode ser introduzido. Especialmente indicado para a compreensão dos conceitos comuns de nossa vida social, tais como termos referentes a formas de govêrno, instituições, sistemas econômicos ou sociais, etc., procura partir da realidade para lastrear de sentido as entidades abstratas. Só assim palavras como Democracia, Nação, Constituição, deixarão de ser meros “sôpros de voz”, para nossos alunos.

7. — O Espaço e o Tempo.

Coordenadas da vida humana, o espaço e o tempo vem sendo considerados como domínios respectivos da Geografia e da História. Diferentes das conotações que recebem, por exemplo, o espaço para a geometria ou o tempo para a física, assumem, o primeiro o sentido de espaço-distância ou área, espaço-localização, nos limites do planeta em que vivemos, bem como o segundo o sentido de tempo dimensão da vida humana, que não volta atrás nem se repete, arrastando-nos a todos em sua duração.

Seria função de ambas, mais esta adaptação necessária do jovem à dimensão espaço-temporal. Estabelece-se, entretanto círculo vicioso: a falta de experiência do jovem dificulta a compreensão dêsses fatores, enquanto que a sua dificuldade de compreensão é obstáculo para a adaptação.

A solução seria aproveitarmos a apoucada e ingênua experiência do aluno — as distâncias em sua cidade, o tamanho de áreas vizinhas, o tempo de vida do aluno e seus familiares — para a firmeza das primeiras noções, que apareceriam em comparação com as conhecidas. A seguir, partir para seu desenvolvimento temporal ou espacial, voltando constantemente à experiência conhecida. Artíficios, como gráficos, linhas, colunas, sucessões de fatos figurados, etc., auxiliam sobretudo às crianças e nos primeiros anos da adolescência. E, à medida que tais apelos da experiência forem se tornando desnecessários; guardar sempre certos pontos de referência que, cronològicamente ou espacialmente se mostrem eficientes, tais como dimensões de nosso país, fatos chave de nossa História Pátria, pontos de apôio contra os desvios da imaginação.

No caso, Geografia e História, não apenas se completam, mas auxiliam e interpenetram. Pois se à História interessa pri-

mordialmente o fator Tempo, o homem ocupa sempre um lugar geográfico, traduzido em termos de espaço terrestre. Se, na Geografia o espaço é preferencial, ela se refere constantemente a uma evolução no tempo: seja de formas físicas, seja de atividades humanas.

8. — Observações finais.

Dadas as características das mencionadas disciplinas, já se evidenciam as funções que preenchem num currículo escolar: atender à necessidade de situar o aluno no eixo espaço-temporal da existência, levando-o a beneficiar-se da experiência humana passada e presente da humanidade.

Ao assumir seu papel dentro da sociedade em que vive, não poderá o jovem ignorar as relações entre indivíduos e grupos, bem como entre estes e o ambiente físico que é sua morada, consideradas as condições dinâmicas de sua evolução no tempo.

Entretanto, nessas duas disciplinas, torna-se de extrema importância o uso de meios adequados para atingir tais fins: inúteis se tornarão se o método de ensino deixar de seguir as exigências da própria metodologia científica, levando o aluno a seguir, embora com economia, e de maneira simplificada o próprio processo de descoberta do historiador e do geógrafo.

9. — Bibliografia.

Ao estudante da Didática Especial de Geografia e de História, recomendamos algumas leituras, nas quais se encontram considerações sobre a natureza da matéria, básicas para que se estabeleça a devida relação entre a metodologia científica e a didática.

SÓBRE HÍSTÓRIA.

1. — BERDIAEFF (Nicolas). — **Les sens de l'histoire**, Aubier, Ed. Montaigne, Paris, s. d.
2. — BERNHEIM (Ernst). — **Introducción al estudio de la Historia**. Ed. Labor, Barcelona, 1937.
3. — BLOCH (Marc). — **Apologie pour l'histoire ou métier d'historien**. A. Colin, Paris, 1949.
4. — DARDEL (Eric). — **L'Histoire, science du concret**. P.U.F., Paris, 1946.
5. — HOURS (J.). — **Valeur de L'histoire**. P.U.F., Paris, 1954.
6. — RODRIGUES (José Honório). — **Teoria da História do Brasil**. Instituto Progresso Editôra. São Paulo, 1949.

7. — **L'homme et l'histoire.** Actes du VI Congrès des Sociétés de Philosophie de langue française. P.U.F., 1952.
8. — BESSELAAR (José Van den). — **Introdução aos Estudos Históricos.** Coleção "Revista de História", São Paulo.
9. — BESSELAAR (José Van Den). — **As interpretações da História através dos séculos**, (2 vols.). Coleção "Revista de História". São Paulo.
10. — GLÉNISSON (Jean). — **Introdução aos Estudos Históricos.** Difusão Européia do Livro. São Paulo.

SÔBRE GEOGRAFIA.

1. — CLOZIER (René). — **Les étapes de la géographie.** P.U.F., Paris, 1949 (Coleção "Que sais-je?").
2. — CHOLLEY (André). — **La géographie, guide de l'étudiant.** Paris, P.U.F.
3. — DARDEL (Eric). — **L'homme et la terre.** Paris, P.U.F., 1952.
4. — KRETSCHMER (Konrad). — **Historia de la geografia.** Ed. Labor, Barcelona, 1942.

ARTIGOS DO BOLETIM GEOGRÁFICO.

1. — BACKEUSER (Everardo). — **Os fatos fundamentais da Geografia**, n.º 16, julho, 1944.
2. — COSTA PEREIRA (J. Verissimo). — **Evolução, conceito e método da geografia**, n.º 22, janeiro, 1945.
3. — DAVIS (W. M.). — **O espírito explicativo da geografia moderna**, n.º 24, março, 1945.
4. — CARVALHO (Delgado de). — **O sentido geográfico**, n.º 25, abril, 1945.
5. — NEIVA (Artur). — **Análise sumária do moderno conceito de geografia**, n.º 81, dezembro, 1949.
6. — TEIXEIRA GUERRA (A.). — **Evolução, definições, objeto e divisões da Geografia**, n.º 118, janeiro-fevereiro, 1954.
7. — VALLAUX (Camille). — **A geografia**, n.º 20, novembro, 1944.
8. — ZARUR (Jorge). — **Geografia, ciência moderna a serviço do homem**, julho-setembro, 1944, n.º 3.

AMÉLIA DOMINGUES DE CASTRO.

Assistente da Cadeira de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo